

A Panair lembra seus orgulhos aos 50 anos

RAFAEL W. NOGUEIRA

Um jantar no Clube da Aeronáutica em que o menos importante é o cardápio a ser servido, porque as pessoas que dele participarão não se vêem há muitos anos e se interessam por um mesmo assunto — aviões, rotas aéreas e planos de vôo — reunirá em outubro, no Rio, cerca de 2 mil ex-funcionários da Panair do Brasil. Com esse jantar, a que o ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, deverá comparecer na condição de antigo comandante da companhia, os ex-funcionários pretendem comemorar os 50 anos da criação da Panair, embora suas linhas aéreas e suas atividades estejam cassadas desde 1965 pelo então presidente Castello Branco.

Segundo Sylvio Figueiral Coelho, que durante 21 anos e 26 mil horas de vôo foi comandante da Panair, uma das finalidades da reunião marcada para o dia 22 de outubro, além de permitir o reencontro de antigos funcionários da empresa, é evitar que o papel desempenhado pelos pilotos, técnicos e funcionários de terra na história da aviação civil brasileira, caia no esquecimento. Para isso, ele lembra as missões pioneiras na Bacia Amazônica, a partir de 1933, a incorporação de aviões que levaram o País a entrar na era do jato e o início dos primeiros vôos noturnos transportando passageiros.

Uma frase atribuída ao general Charles de Gaulle, de que "só fica escrito sobre nós aquilo que nós mesmos escrevemos", vem sendo repetida com insistência nos últimos meses, no Rio. E é nela que um grupo de comandantes, comissários, técnicos de vôo, co-pilotos e funcionários de terra está se baseando para justificar e organizar, em outubro, um jantar de comemoração dos 50 anos da criação da Panair do Brasil.

Embora a iniciativa não seja novidade, pois há 13 anos, religiosamente, as tradições da "Família Panair" vêm sendo relebradas por integrantes daquele grupo, em até agora discretos jantares e saudosos discursos, o encontro marcado para o dia 22 de outubro é mais ambicioso e tem, este ano, objetivos mais específicos. Como, por exemplo, o de evitar que, com a extinção compulsória da empresa, ocorrida em 1965 por força de um decreto, e hoje sem aviões, sem rotas e sem futuro, seja também esquecido o papel que seus pilotos, técnicos e demais funcionários ligados às operações de vôo desempenharam na história da aviação brasileira.

"Não temos o propósito de reviver ou reabilitar a Panair como empresa", explica o comandante Sylvio Figueiral Coelho, 26 mil horas de vôo, as últimas delas, ainda na Europa, em aviões DC-8. Isso, segundo Figueiral, diz respeito apenas aos diretores credenciados para tratar desse assunto. "Nossa preocupação — afirma — restringe-se ao âmbito dos ex-funcionários — que eram mais de 5 mil em 1965 e hoje se encontram espalhados por todo o País — e se destina, basicamente, a preservar uma memória que construímos em 35 anos de trabalho e pelo qual nos sentimos responsáveis. Afinal,

muitas das nossas missões foram pioneiras e é justo que mereçam registro e sejam lembradas". Para reforçar sua opinião, o comandante observa que os jovens de hoje, entre 15 e 25 anos, desconhecem o que significa "Panair do Brasil", embora as atividades da empresa, principalmente abrindo novas rotas no Interior e no Litoral do País, façam parte da história da aviação. "Quem sabe — pergunta Figueiral — que já em 1933 a Panair voava sobre a Amazônia, até então inexplorada com os Sirkorsky S-38, os Comodoros, Os Cachimbinhos e os Baby-Clipper"?

Membro da comissão de divulgação do grupo que está organizando as comemorações dos 50 anos da Panair, o comandante Figueiral calcula que até mais de 2 mil ex-funcionários poderão atender à convocação para participarem do encontro do dia 22. E uma presença que os integrantes daquele grupo acredita como certa e significativa é a do ministro da Aeronáutica, Délio Jardim de Mattos, que já foi comandante da Panair e, nessa condição, conviveu com muitos pilotos, alguns, comandantes como ele, até que foram obrigados a se apresentar ou a trocar, a partir de 1965, o assento esquerdo das cabines dos seus aviões por outras atividades em terra. Figueiral é um exemplo disso: ele se aposentou, voou ainda durante alguns anos em aparelhos executivos e se dedica, atualmente, à empresa imobiliária de que é sócio no Rio. No comando de um avião, função que exerceu durante 26 anos consecutivos, deixou seu filho mais velho, também piloto e hoje voando jatos da Varig.

RECONHECIMENTO

A comissão organizadora integrada por ex-funcionários da empresa, à qual foi atribuída a tarefa

de promover o encontro de outubro, estabeleceu alguns objetivos a serem alcançados, em 1979 por meio do jantar comemorativo da Panair. O primeiro deles é garantir a presença de um número que se pretende "excepcional" de membros da "Família Panair"; em seguida, garantir a inserção de informações a respeito das atividades da empresa e dos seus funcionários no Museu Aeroespacial do Campo dos Afonsos, no Rio, e no Museu da Fundação Santos Dumont, no Parque Ibirapuera, em São Paulo. Essas informações, segundo a comissão organizadora, referem-se às datas de aberturas de novas e pioneiras rotas aéreas; à adoção de técnicas operacionais e de manutenção; filosofia e procedimentos no desenvolvimento do tráfego aéreo; montagem de infraestrutura; registro de conquistas alcançadas e histórico dos aviões incorporados e lançados em operação nas diversas épocas. O terceiro objetivo, ainda segundo a comissão, diz respeito à expectativa de se conseguir que autoridades do governo reconheçam, oficialmente, a participação efetiva da Panair e da importância de todo o seu pessoal operacional no processo de evolução da aviação civil no Brasil.

O comandante Figueiral, ao mesmo tempo que admite existir hoje "uma mística em torno do que ele chama de "Família Panair" — porque na realidade essa "família" se reúne, desde 1966, em torno de uma entidade-empresa que já não existe há 14 anos — tem outra esperança: a de que as comemorações dos 50 anos da companhia constituam motivo suficientemente forte para voltar a reunir, este ano, milhares de ex-funcionários da Panair que se encontram, em atividades ou não, em diversas regiões do País.